

O confessionário *reality* de *Big Brother Brasil*

Suzana Kilpp¹

Resumo

A TV é uma grande fábrica de molduras no interior das quais recicla e atualiza restos culturais. Nesse contexto, aparece o confessionário *reality*, o cômodo mais importante da casa no programa *Big Brother Brasil*, veiculado pela Rede Globo de Televisão, como atualização do confessionário católico. Ele naturaliza a exposição de pecados e pecadores na TV e atua sobre imaginários como os de privacidade, comunidade e mediação.

Palavras-chave: molduras; confessionário *reality*; voyeurismo.

Resumen

La televisión es una gran fábrica de molduras en el interior de las cuales recicla y actualiza residuos culturales. En ese contexto surge el confesionario *reality*, la pieza más importante de la casa en el programa *Big Brother Brasil*, de la TV Globo, como una actualización del confesionario católico. Él naturaliza la exposición de pecados y pecadores en la TV y actúa sobre imaginarios como los de privacidad, comunidad y mediación.

Palabras claves: molduras; confesionario *reality*; *voyeurisme*.

Abstract

Television is a big factory of frames in the interior of which recycles and updates the cultural's leftovers. In this context, appear the confessionary *reality*, the most important room of the house in *Big Brother Brasil*, a TV Globo's program, as an update of catholic's confessionary. It naturalizes the exposition of sins and penitents in the TV and operates on imaginaries like privacy, community and mediation.

Keywords: frames; confessionary *reality*; voyeurism.

Introdução

“O cômodo mais importante da casa e o único lugar em que os participantes têm alguma privacidade. Nele, os *BBs* contam seus segredos e revelam e justificam seus votos”. É nesses termos que o *site* do *Big Brother Brasil* apresenta o confessionário. Ele está incluído no formato original desse *reality show*, mas tanto na Holanda quanto nos Estados Unidos e na Inglaterra, é conhecido como *diary room*, que poderia ser traduzido como o quarto da agenda ou o quarto do diário. A Endemol define o *diary room* como sendo um dos quatro elementos centrais do jogo, aquele lugar no qual os competidores são requeridos a gravar seus sentimentos, frustrações, pensamentos e suas nomeações.² Assim, por exemplo, o

¹ Professora e pesquisadora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos

² http://www.endemol.com/format_descriptions.xml?id=1

Channel 4, que veicula a versão inglesa do programa, destaca no *design* da poltrona e em sua cor vermelha a intenção de associar o lugar a um aconchegante útero que convida o jogador a compartilhar em segurança os seus segredos profundos e obscuros.³

Ligado em sua origem aos templos católicos, o confessionário agora é também a forma do *diary room* em *Big Brother Brasil*, *Big Brother* de Portugal e *Gran Hermano* de Argentina, Espanha, México, etc, programas que têm em comum justamente o fato de serem veiculados em países de forte tradição católica. A função no jogo é similar em todos os casos, assim como o caráter privado do local e o agendamento da regularidade em que deve ser acessado pelos participantes. Os sentidos enunciados mudam, porém, porque se trata de uma moldura diferente, que instaura um outro quadro de experiência e significação daquilo que ocorre em seu interior. Assim, por exemplo, associado a um reconhecível lugar de mediação eclesial entre o mundo terreno e o outro mundo, o confessionário reveste-se de uma sacralidade que parece não caracterizar o *diary room*.

No Brasil, o programa faz convergir o ambiente em que se dá a confissão e o ambiente psicanalítico ao qual a imagem de útero materno e a efetiva participação de psicólogos na produção⁴ parecem remeter, porquanto a confortável poltrona vermelha do confessionário de *BBB* tem muito mais a ver com a proposta de *diary room* do que com a áspera materialidade do frontispício do confessionário católico. Sugere-se perscrutar a mente atrás do pecado e do inconsciente - e da culpa -, e a necessidade da mediação de um interlocutor (confessor e analista) habilitado. Resguardado o segredo de confissão e o segredo profissional, a participação do mediador amplia-se na medida da importância que seus atos (ainda que apenas a escuta) têm para as decisões que penitente e analisando tomarem a partir da interlocução.

Em seu confessionário, portanto, o *BBB* sobrepõe as duas molduras - e outras mais, como veremos - e dá origem a um confessionário *reality*, que a sua vez relaciona-se ao confessionário televisivo praticado pela TV brasileira há muito tempo.

³ <http://bigbrother.channel4.com/bigbrother/tour/diaryroom.html>

⁴ Na prática, apenas a partir da quarta edição o *BBB* adota mais efetivamente, para além da poltrona vermelha, também o teor psicanalítico do *diary room*, com a introdução de um psicólogo na equipe do confessionário, cuja função é “administrar as tensões” dos participantes.

O confessionário católico

Conforme Philippe Rouillard (1999), teólogo católico que analisa a história da prática da confissão na Igreja, o confessionário é um lugar criado entre 1564 e 1584, pelo arcebispo de Milão Carlos Borromeu, para sistematizar a prática da confissão individual.

O perdão, ligado ou não à confissão dos pecados, é um ato praticado pelos cristãos desde sempre, seguindo a Jesus de Nazaré. Seus discípulos promoveram sua inserção nas celebrações litúrgicas, sendo então praticado de forma comunitária e pública. Posteriormente, quando o cristianismo tornou-se a religião oficial do Império Romano, sob Constantino, em 314, a ingerência de Roma sobre culturas muito diversas obrigou a sucessivas reformulações no ato da confissão. Assim, entre os séculos II e VI, quando a confissão era permitida uma única vez na vida, tratou-se de um ato público de confissão e de ex-comunhão, ao qual se seguia um tempo de apartamento social do pecador (para preservar a comunidade) - a sua penitência - e finalmente ocorria o perdão que promovia seu retorno à comunidade.

No século XIII, a Igreja Católica introduziu uma série de mudanças na confissão, que havia se tornado um ato privado e pessoal entre pecador e um pároco, sendo entendida então não mais apenas como sacramento de reconciliação, mas também como um processo de purificação e progresso espiritual. A confissão, vista ainda como oportunidade de um desabafo dos fiéis, servia para que o pároco aconselhasse e guiasse espiritualmente seu rebanho. Sendo o confessionário um lócus de formação de consciências, a confissão tornou-se muito mais freqüente e um dos atos mais importantes da vida cristã.

Quando as crises internas do catolicismo foram maiores⁵, criou-se a obrigatoriedade da confissão anual. Então, quem não comparecesse uma vez por ano, era automaticamente excomungado, e o acento estava mais na freqüência da confissão do que no conteúdo dela

⁵ Na virada do século XV para o XVI, movimentos no interior da Igreja católica procuravam sua reforma. Os casos mais notórios foram os do monge alemão Lutero e de seu seguidor francês Calvino. Calvino, como Lutero, partia da salvação pela fé, mas suas teses eram bem mais radicais. Para ele, os homens são criaturas miseráveis, corrompidas e pecadoras; somente a fé poderia salvá-los, embora essa salvação dependesse ainda e sobre tudo da vontade divina. A difusão do calvinismo deveu-se principalmente aos burgueses, desejosos de uma doutrina que justificasse suas atividades lucrativas. Mas a organização e o interesse da burguesia variavam de país para país. Assim, no país de origem de BB, a Holanda, por exemplo, a maioria dos burgueses aderiu ao calvinismo, e em Portugal a burguesia se manteve fiel ao catolicismo. Quanto à confissão dos pecados, tanto Lutero quanto Calvino defendiam que a mediação exclusiva do sacerdote era uma das práticas religiosas que devia ser reformada, e que a absolvição podia ser dada também por mediadores laicos.

ou na penitência, pois se tratava de ter certeza de que aquela pessoa continuava professando a mesma fé.

Principalmente a partir da Revolução Francesa, e em grande parte sob sua influência, a confissão tornou-se mais rara. Mais recentemente, com a secularização e após o Concílio Vaticano II (1962-1965), a confissão é apenas *recomendada*, no mínimo uma vez ao ano, e recai sobre ela, como sobre todos os sacramentos da Igreja Católica, um forte acento no caráter de mediação entre dois mundos, mediação que é efetuada por um sacerdote. Corresponde a ela o perdão dos pecados, em nome de Deus, e a prescrição de uma penitência a ser cumprida pelo pecador confesso e arrependido: em geral, a reza de uma certa quantidade, maior ou menor conforme a gravidade dos pecados, das preces conhecidas como “Pai Nosso” e “Ave Maria”.

A confissão na TV

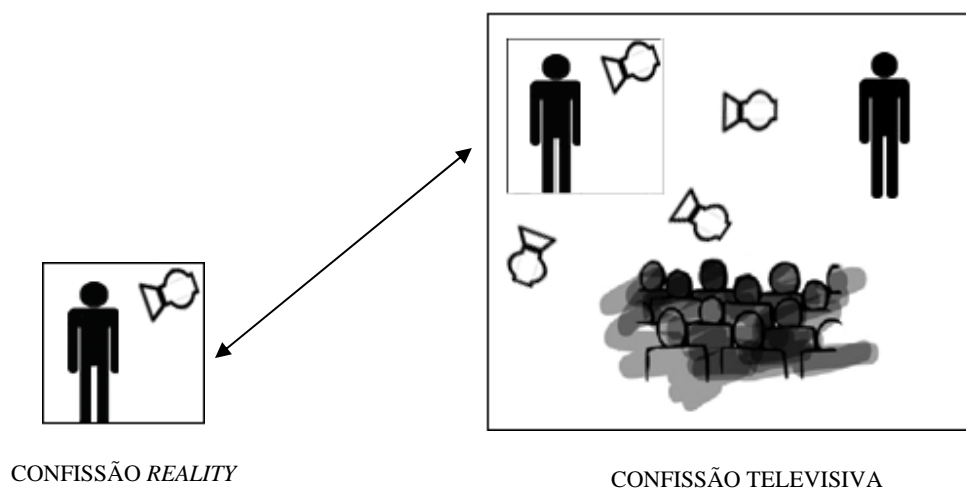
Inicialmente parece estranho o reaquecimento do confessionário católico nos *reality shows*. Pode até mesmo surpreender a retomada de um hábito que perdeu grande parte de sua força e função na vida cotidiana, justamente num programa de TV que se enuncia parte da cotidianidade ou ela mesma. Entretanto, a TV é uma grande fábrica de molduras no interior das quais ela vive reciclando e atualizando restos culturais, e o confessionário *reality* pode ser pensado, sim, como uma atualização do confessionário católico.

Mais que isso, porém, e de modo menos específico, devemos lembrar que a realidade da TV é cada vez mais a realidade televisiva (*TV reality*), e o confessionário *reality*, ainda que faça parte de um imaginário de confessionário compartilhado com outros mundos, deve ser antes relacionado ao confessionário dos mundos televisivos, porquanto a confissão - de pecados, de má sorte, de incertezas, de suspeitas - não é nada estranha à televisão. Ao contrário, muitas emissoras e muitos programas de TV remetem a ela com frequência nos modos como expõem e tratam os maridos de mulheres traídas, os pais de filhos abandonados, os criminosos em geral, os políticos corruptos, os pedófilos, os acusadores em geral, os exibicionistas e tantos outros sujeitos que a TV acolhe em seus mundos, faz falar, julga, perdoa ou condena.

Os penitentes desse tipo de programas são moldurados de forma muito diferente dos que ocupam a cadeira do confessionário *reality*. Em *Linha Direta*, por exemplo, as imagens

e os enquadramentos apresentam diferenças estéticas importantes, mas os dois programas têm em comum o fato de que a confissão e o penitente são menos importantes que as enunciações da Rede Globo sobre certas mediações. No Brasil, mais do que qualquer outra emissora, nos mundos *reality* da Rede Globo, ela aparece mediando a casa, a rua e o outro mundo; e nos mundos televisivos em conjunto, ela se enuncia mediadora de brasileiros - indivíduos e sociedade -, dando conta de uma também enunciada incompetência do poder público na resolução de nossos problemas sociais.

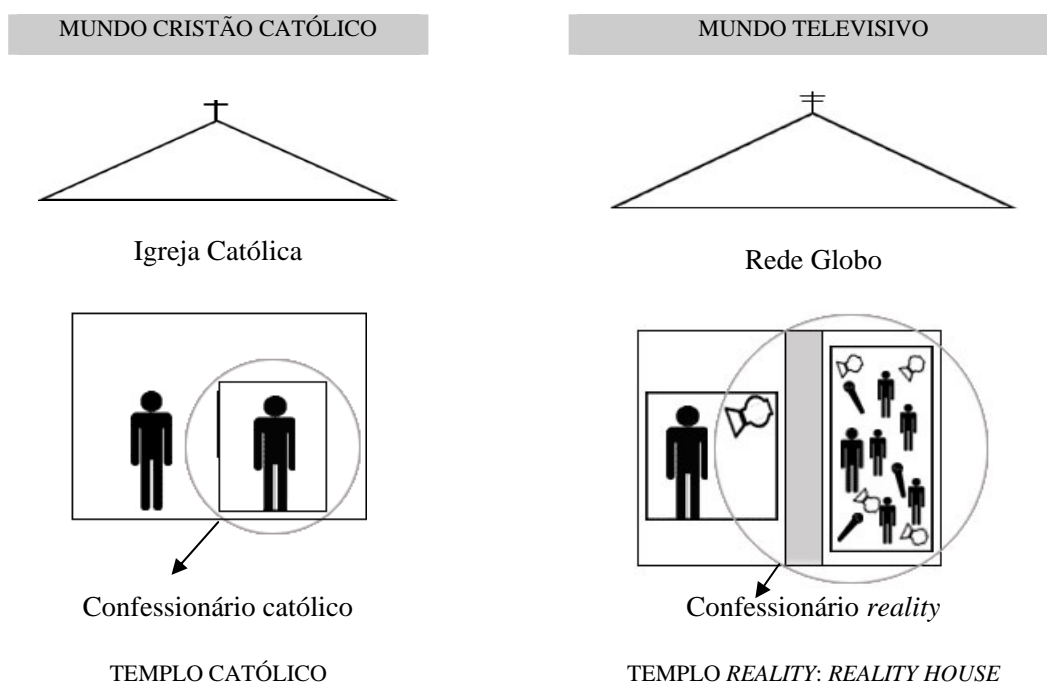
Em geral, é em certos programas de auditório que melhor se pode perceber a estreita ligação entre a confissão *reality* e a confissão televisiva. Na figura abaixo tentamos esquematizar os elementos que participam da mediação protagonizada pela TV em *BBB* e em tais programas, cujas características mais importantes aparecem com os mesmos sentidos em outras molduras em outros programas de TV, não só da Rede Globo.



Nos dois casos as câmeras são parte visível da cena. O espectador é presumido - onipresente e onisciente como a TV - e é a ele que se dirige em última instância o olhar e a fala do penitente, mas sempre através do aparelho que recorta e edita. À esquerda, presume-se a presença de Bial ou a produção do programa. À direita, entrevistador e platéia também se interpõem como confessores explícitos. Presumidos ou explícitos, eles enevoam a percepção do lócus da mediação, o confessionário, que não é, na mediação, como costumamos pensar, o lócus do penitente, mas o do confessor. Enfatizamos: confessionário

é o lócus do confessor (permanente) que ouve a confissão de um pecador (em trânsito), assim como é permanente o mediador (a TV) da mediação.

Defendemos reiteradas vezes (Kilpp, 2003) uma necessidade de adentrar a telinha de TV, ultrapassar o limiar das imagens sintéticas aparentes para percebermos, nos mundos televisivos, os elementos de seu imaginário, que a sua vez são minimamente compartilhados com os de outros mundos. Nessa perspectiva, oferecemos à consideração outra figura, esquematizando a mediação como a percebemos no mundo televisivo e no que chamamos de mundo cristão católico, a partir do confessionário, que situamos, aqui, num espaço templário. Então são notáveis os compartilhamentos e as especificidades: foi aqui que se tornaram perceptíveis o lócus, o protagonismo e as mediações relacionadas ao confessionário de *BBB*. Enfatizamos outra vez: confessionário é o lócus do confessor (permanente) que ouve a confissão de um pecador (em trânsito), assim como é permanente o mediador (a TV) da mediação.



Esse simples deslocamento de uma percepção habituada teve inúmeras implicações para a análise que segue.

Sentidos éticos da mediação enunciados no confessionário de *Big Brother Brasil*

Admitindo que é de si que a TV está falando, podemos admitir também que a TV legitima e naturaliza no confessionário *reality* a exposição de pecados e pecadores que pratica no geral. Em consonância, há interessantes enunciações que conferem à mediação televisiva certos sentidos éticos (éticos e estéticos) que gostaríamos de referir.

O mistério

Importante destacar que a “casa” não é um local privado ou público. Pura e simplesmente é um não-lugar em que não-individualidades “jogam” (o termo é recorrente na fala dos participantes) sua permanência para telespectadores que, semanalmente, são solicitados a “detonar” (verbo empregado nas chamadas da emissora e claramente oriundo de registro cinegético) um deles. Ludicamente são oferecidos dois números para quem quiser brincar de exclusão. Não é preciso ser pedagogo para lembrar que todo jogo embute um processo de socialização desejado pela ordem dominante. A “interatividade” dá à emissora o controle de tendências comportamentais que fazem-na o sucedâneo pós-industrial do velho confessionário cristão⁶.

De fato, assim como a “casa”, o confessionário *reality* atua sobre o imaginário de lugar, no caso, ao mesmo tempo lugar da confissão e de voto, sendo que lugar é um espaço identitário, relacional e histórico, nos termos em que o define Marc Augé (2003:73), enquanto que não-lugares são espaços de trânsito e de desidentificação, onde o usuário está em relação contratual com eles ou com os poderes que os governam.⁷ No contrato que os participantes do *BB* assinam com a TV Globo há uma cláusula que especifica que eles devem comparecer diariamente ao confessionário, permanecer ali por um tempo determinado e fazer certos usos dele. O descumprimento do contrato implica uma espécie de ex-comunhão: a eliminação do programa.

Mas o confessionário *reality* não é apenas “o sucedâneo pós-industrial do velho confessionário cristão” nem apenas o lugar de um voto meio voto e meio confissão de culpa pela “detonação” ou “exclusão” de alguém. Esse trânsito individual e obrigatório pelo confessionário tem, entre outras, a função de regular as tensões, administrar os conflitos e

⁶ Caroni Filho, Gilson. “Amor em tempos bulímicos”.

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/fd200320021.htm>

⁷ “A existência desse contrato lhe é lembrada na oportunidade” e o modo de uso do não-lugar faz parte do contrato. (Ibid, 2003: 93-94).

comprovar a boa fé dos participantes. Envolve questões estratégicas, e é por isso que é o cômodo mais importante da casa. É nesse não-lugar, que remete a um lugar reciclado pela TV ou a um resto cultural por ela apropriado, que são ajustadas as performances dos jogadores em relação às identidades (talvez as “não-individualidades” de que fala Caroni Filho) em jogo: grande parte do sucesso do programa se deve a essas performances ali e assim construídas e administradas.

Às vezes, a produção do programa parece meio afoita no ajuste dessas performances, como se percebe no depoimento a seguir, de um dos jogadores que foi eliminado depois de 54 dias dentro da casa de *BBB2*.

(...) o programa não conseguiu se identificar comigo, botar o personagem certo. Eu comecei o programa na boa, depois como veado, fofoqueiro e, no final, como o ganhão que acabou com o romance do Thyrso e da Manuela.
(http://www.portal3.com.br/_coletiva/08/fabricio_1.htm)

Tudo leva a crer que durante sua permanência na casa ele deve ter recebido instruções (conselhos, quem sabe?) fora do campo de visão do espectador, no único lugar privado da casa: o confessionário, como expressam claramente comentários de outros *BBBs* citados em matéria da *Folha de São Paulo*:

Os participantes do programa “Big Brother Brasil” (Globo) recebem instruções da direção do programa. Isso ficou claro ontem, quando Estela revelou ter tomado uma bronca de J.B. de Oliveira, o Boninho. Os outros integrantes do “BBB” confirmaram também ter encontros com o diretor da atração, que acontecem no confessionário.
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u22228.shl>

Se o cômodo mais importante da casa é o lugar onde são tratadas misteriosas questões estratégicas do programa, no *site* da emissora diz-se que são os segredos dos participantes. Então somos levados a fantasiar que segredo de confessionário em *BBB* é o que a produção do programa faz com cada um dos participantes para que o *show* continue. Ao fim, importa que se enuncia o confessionário como lócus de *algum* mistério, e que, como todo bom mistério, é bom que continue a ser misterioso.

A comunidade

À primeira vista, tanto no confessionário católico quanto no confessionário *reality* se engendra um espaço privado no interior de um espaço público. De fato, o confessionário é privado no sentido do segredo que envolve a confissão, mas também porque ela é feita, com privacidade, no seio da comunidade presente nas capelas ou igrejas (que são espaços públicos). O confessionário *reality* é privado nos mesmos termos em relação aos demais participantes do *BB*. Nos dois casos há uma mediação entre dois mundos (vários dois mundos...), e o confessor (mediador) não é visto pelo pecador que, no entanto, é óbvio, sabe de sua presença ou onipresença, assim como toda a comunidade.⁸ Nos dois casos, há também indicação de um hábito demarcado por um tempo que é antes de tudo circular⁹, e talvez mítico, porquanto se presta à ritualização da pertença a uma comunidade em relação a outro mundo.

O confessionário *reality* atua, portanto, sobre o imaginário de pecado e de privacidade da confissão, mas também sobre o imaginário de comunidade, no que ele é particularmente interessante para pensar as enunciações que a TV faz a respeito de si em relação ao que entende ser a sua comunidade. Há vários programas - *Linha Direta*, da TV Globo, por exemplo - nos quais é possível perceber uma certa paroquialização da sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que a emissora tenta nos persuadir de que ela, e somente ela, o Grande Irmão, é capaz de resolver, com o apoio subserviente da audiência (a comunidade), os crimes insolúveis, fazer justiça social e promover a reconciliação.

A mediação

Foucault atribuiu ao deslocamento das relações entre tempo e espaço a causa da inquietude contemporânea. Ele não estava interessado em apontar para a centralidade do espaço, apenas, mas para a sua flexibilização, pois a contemporaneidade estaria experimentando uma “dessacralização prática do espaço”, assim como teria ocorrido com o tempo na modernidade.

⁸ É impossível não lembrar aqui o supervisor do panóptico...

⁹ Lembremos que há uma suspensão do tempo linear para os participantes do jogo, ficando proibidos os relógios, as agendas, os calendários e outros instrumentos afins...

Foucault dedica-se a pensar os lugares “que têm a curiosa propriedade de estar em relação com todos os outros, mas sob um modo tal, que eles suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto das relações que se encontram para eles previamente designadas”. Esses espaços seriam diferentes dos espaços culturais ordinários nos quais vivemos, e Foucault propõe chamá-los de “heterotópicos” para diferenciá-los dos espaços “utópicos”. As heterotopias teriam a capacidade de justapor vários espaços, em si mesmos incompatíveis e estão associadas freqüentemente à ruptura com o tempo tradicional (“heterocronias”) (Almeida e Tracy, 2003: 26).

Nesses termos, no confessionário do *BBB* se daria a ver o engendramento de uma heterotopia: em primeiro, a sua justaposição ao confessionário católico; em segundo, a outros lugares ordinários de confissão (consultórios, delegacias de polícia, tribunais, etc.); por fim, aos inúmeros lugares de confissão na TV. Seja suspendendo, neutralizando ou invertendo o conjunto das relações para eles previamente designadas, esse procedimento também desloca a mediação, da estrutura eclesiástica, por exemplo, ao programa, à emissora e à televisão como um todo.

Se então se dessacraliza o espaço da confissão, a nosso ver reveste-se o espaço da confissão *reality* de um novo sagrado, nem de longe porque há anjos em *BBB*, mas porque a TV atribui a si a mediação (técnica e significante) da confissão e agora decide em seu próprio interesse - enunciado como interesse (do) público - o que é da esfera privada e o que deve receber visibilidade extrema. A confissão televisiva é ato enunciativo da mediação da TV, e se inscreve na esfera de uma onipotente, sagrada e profana ao mesmo tempo, comunidade de mundos televisivos. É também enunciação da legitimidade de seu voyeurismo.

Funções do confessionário em *BBB*

Em *BBB* o confessionário cumpre basicamente três funções: é lócus do voto para o paredão, aos domingos; de segunda a terça é lócus desde o qual os candidatos à exclusão ou “emparedados” fazem seu pedido de clemência, para permanecer na casa; e, diariamente, é lócus de desabafo e de receber aconselhamento (obrigatoriamente, todos devem ali responder a perguntas sobre os demais participantes, sobre como se sentem na casa, sobre sua intimidade, etc.). Eventualmente, o confessionário é também lócus disciplinar, pois

quando um *BB* transgride as normas ele é chamado ao confessionário¹⁰. As imagens desses momentos nunca foram veiculadas.

O voto para o paredão

Semanalmente, todos os *BBs* (menos o líder) dirigem-se ao confessionário para votar em quem vai para o paredão. No cômodo parece haver uma única câmera, fixa e que opera basicamente com dois planos: um mais aberto e descritivo, que consegue enquadrar quase totalmente a pessoa inteira quando entra, dando uma sensação de que ela está entrando em algo estreito; e um plano mais fechado e dramático, quando a pessoa faz uso da palavra.

Quando o participante senta na poltrona, é focado em primeiro plano pela câmera e ouve-se a voz do apresentador que o chama pelo nome ou apelido e pede que justifique o voto e diga o nome da pessoa que deve ir para o paredão. O participante dirige-se a (Pedro) Bial, justifica o voto e diz o nome do candidato à exclusão. Ao sair, essa câmera não acompanha seus movimentos, dando a impressão de que alguém permanece no confessionário esperando o próximo votante. O *BB* toca uma campainha para abrir a porta, da mesma forma que fez para entrar, e é acompanhado por uma outra câmera, que está fora do confessionário. Há um corte, e assim enfatiza-se que a câmera que “ouve” as confissões não é a mesma que situa o *BB* no lugar público da convivência.

Na medida em que o voto implica mandar alguém para o paredão, é implícito o crime/pecado, o que leva à confissão. Mais que o caráter confessional do voto, porém, é preciso considerar o seu caráter eleitoral, pois é essa sua função primeira; e aí a análise segue noutra direção, relacionada a sua vez com uma série de enunciações do programa sobre brasilidade e sociedade brasileira.

Percebe-se de saída que os eleitores *reality* vivem nos mundos televisivos uma democracia plena: sem manipulações ou interferências, são cidadãos que conseguem justificar suas às vezes árduas escolhas pessoais por um ou outro candidato à exclusão, e é nesse único momento - o do voto para o paredão - que a imagem do eleitor ocupa quase toda a tela da TV, com exclusividade soberana, e ele tem um tempo razoável (limitado pelas regras do programa, é claro) para falar “com o Brasil”, como geralmente insiste o apresentador. Esse primeiro plano, ao vivo, em contato com “o Brasil”, implica uma

¹⁰ Está assim expresso no regulamento do programa.

unidade (cada voto) que decide uma totalidade (a população brasileira, as instituições públicas, privadas, etc), num dos dias de maior ibope da emissora.

Assim como nas sociedades contemporâneas a instância do voto parece ter se tornado a oportunidade do indivíduo ingerir sobre os governantes, restando ela como diferencial entre sociedades democráticas e não democráticas, em *BBB* parece que cada um decide¹¹, livremente, o fundamental. Mas o fato de o eleitor só não ser assistido pelos outros jogadores permite conjecturar sobre um certo panoptismo aí implicado, o que nos leva a um imaginário que compartilha com outros mundos um imaginário de sociedade vigiada, da qual o voto vigiado é parte, assim como o voto a cabresto.

Além disso, em *BBB* não votam apenas os jogadores, mas também o público, sendo que nesse programa há muito mais ocasiões de voto do que em outros países. A Rede Globo vem incluindo ainda mais votações ao longo das edições: hoje, além de votar em quem deve sair da casa, vota-se, por exemplo, se os *BBs* devem ganhar ou não o *kit* de comida, se os homens ou as mulheres devem usar perucas vermelhas, se tal ou qual participante deve sair para participar numa escola de samba durante o carnaval, e assim por diante. Com o público tomando decisões tão relevantes - e há quem diga que essa interatividade é uma das razões do sucesso do programa no Brasil - o voto adquire um valor para além do que ele decide: ele vale por si mesmo. Ou melhor, ele vale pelo que é capaz de dizer sobre a participação popular nos mundos televisivos. *BBB* enuncia, portanto, que a TV é muito menos autoritária do que se costuma afirmar. Ora, quantas coisas a pensar sobre a sociedade brasileira a partir de tais imaginários...

O pedido de clemência

Uma vez definidas as duas pessoas que vão para o paredão, ambas dispõem de trinta segundos para, de dentro do confessionário, argumentar para o público as razões de sua permanência na casa e pedir que **NÃO** votem nelas. Ao contrário do momento do voto para o paredão, aqui elas não se dirigem ao mediador “Bial”, mas diretamente aos que têm o poder absoluto, quase demiúrgico, ou satânico, quem sabe, de promover a exclusão. A mensagem, gravada, é depois veiculada em diferentes horários, sempre a mesma,

¹¹ Não esqueçamos que é também da Rede Globo o programa *Você decide...*

atravessando a programação em fluxo da emissora toda a segunda e terça-feira, até sair o resultado da votação eletrônica.

Tomemos por exemplo o pedido de clemência de Emílio e Viviane, conforme matéria da *Folha de São Paulo*:

Emílio e Viviane fizeram hoje, a defesa de suas posições junto aos telespectadores, cada um falando 30 segundos no confessionário. Viviane, que desde o início do programa se mostra preocupada em atingir a fama, pediu "ajuda para permanecer na casa", alegando que para ela "o carinho dos brasileiros é mais importante do que o prêmio de R\$ 500 mil". Já Emílio, pediu votos por acreditar que ainda não é o momento dele sair e frisou mais uma vez sua postura de estrategista. "Éramos 14 jogadores e agora somos sete, embora alguns rejeitem esse rótulo. Eu tenho meu jeito de jogar, sou honesto e sempre falo tudo para todos, por isso não acredito que seja a hora ainda de eu sair."
(<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u31084.shtml>)

Parece que as pessoas emparedadas suplicam por sua permanência na casa, de modo similar ao que acontece, segundo DaMatta, na cultura brasileira:

Em vez de discursar, rezamos; em vez de ordenar, pedimos; em vez de simplesmente falar como fazemos habitualmente, conjugamos a forma da mensagem com seu conteúdo, suplicamos. O modo de comunicação com o além e seus habitantes, assim, é formalizado e suplicante. Feito de preces, rezas e discursos onde se acentuam a cândida sinceridade, a honesta súplica, a nobre humildade e, naturalmente, a formidável promessa de renunciar ao mundo, com suas pompas e honras. (DaMatta, 2001:110)

Além disso, o pedido de clemência é reprisado inúmeras vezes, tão mecanicamente como o são muitas vezes os pedidos elevados ao céu em uma série de orações, ou o comparecimento habitual ao confessionário católico e a repetição de certas rezas ao fazermos penitência.

Mas a súplica replicante é também parte de uma estética da repetição. Os produtos de ficção das mídias, que Calabrese (1988) chama de replicantes - o filme de série, o telefilme, o *remake*, os romances de consumo, os quadrinhos e as canções - que teriam nascido como produto de mecânica repetição e otimização do trabalho, em seu aperfeiçoamento para a TV resultaram nessa estética, que é parte de um conjunto de práticas habituadas que dão estabilidade aos modos de trabalhar expressivamente a matéria televisual e grandemente responsável pelo hábito adquirido de ver televisão.

Inserindo a súplica na lógica replicante, tida como um quadro de experiência do hábito televisivo, é possível perceber ainda, portanto, uma enunciação de que a repetição é tanto forma de chegar a Deus quanto de sensibilizar o público. Mais que isso, talvez, a replicância seria um modo de atingir certos objetivos na vida - clemência, por exemplo -, ao menos nos mundos televisivos.

O aconselhamento

Segundo as normas de *BBB*, “os participantes têm que ir ao confessionário pelo menos uma vez por dia. Lá, eles conversam com um psicólogo e com a direção do programa sobre suas impressões em relação à estadia na casa”. Esses encontros, como já vimos antes, a princípio são reservados; mas são gravados e editados, e parte deles é veiculada junto com outras imagens.

Por exemplo, numa seqüência que vai ao ar pode aparecer um dos participantes afirmando alguma coisa, desenvolvendo um argumento ou ponto de vista, falando de outros participantes, de acontecidos, etc. Trata-se de cenas compartilhadas com outros jogadores, e é a eles que se dirige a fala. A edição intercala a essas falas as falas gravadas no confessionário nos encontros de aconselhamento, enfatizando coincidências ou contradições, principalmente contradições.

Os cortes da edição são perceptíveis, sugerindo que as falas do confessionário foram respostas a perguntas dirigidas ao participante e que estavam dentro de um certo contexto (a moldura peculiar do confessionário) no qual tinham certo sentido. Na segunda edição, trata-se de uma conversa entre os participantes (numa outra moldura, de espaço público) e as falas têm outro sentido. Finalmente, na terceira edição (a que vai ao ar), as duas molduras são colocadas numa mesma (um tempo contínuo de TV). Produz-se um confronto entre as falas e se oferece ao ajuizamento do público o caráter do *big brother* em questão.

Não podemos perder de vista que *BBB* é antes de tudo jogo onde “as conseqüências da jogada se situam na alternativa vitória ou derrota” (Deleuze, 2000:61), o que nos remete à “estratégia de jogo”. O jogador - em especial aquele que participa das edições mais recentes - sabe, ou imagina saber, aquilo que deve ser feito para vencer: ele deve fazer uma boa performance e angariar a simpatia do público. Supostamente, portanto, o estrategista, na tentativa de conseguir esse interesse, escolhe, constrói e usa certas “máscaras” que, pelo

que as enunciações do programa levam a crer, encobrem sua autenticidade. Mas haveria ao menos um “lugar da verdade”, no qual não se usaria máscara alguma: o confessionário.

Sabemos todos, porém, desde as experiências feitas há quase um século por Vertov e citadas por Sodré, que a maioria das pessoas não age com naturalidade diante de uma câmera: elas tendem a posar e a construir máscaras e personagens de si mesmas.

Na primeira metade do século XX (o filme *O homem da câmara de filmar* é de 1929), o cineasta russo Dziga-Vertov mostrava, em suas experiências de câmera-olho, a dimensão “ultra-humana” da imagem: as pessoas começam a posar ao se verem filmadas, compondo instantaneamente uma espécie de cenário pessoal, mas igualmente artificial ou maquínico, para se adequarem à percepção internalizada de si mesmas. (Sodré, 2002:154).

Ora, o constrangimento certamente aumenta quando se tem consciência de que a performance de cada um está sendo julgada pelas massas, das quais advirá a absolvição ou condenação na forma de voto. Mas, considerando que os *reality shows* operam com a lógica da “plena” exposição das relações pessoais num microcosmo social, espera-se que o jogador exiba suas máscaras, de si e de sociabilidade, ao máximo, que seja extrovertido e eloqüente: assim, o participante ideal é aquele que verbaliza tudo - ou quase tudo! - que pensa e que administra bem suas inibições.¹² A exigência de extroversão soma-se, portanto, à de exibir uma aparência de naturalidade autêntica.

Alguns jogadores devem, em pouquíssimo tempo, habituar-se a uma exibição/atuação ininterrupta e à multiplicação eletrônica do seu corpo. O aconselhamento no confessionário, nós imaginamos, deve dar a eles um *feedback* de sua performance, e, como no confessionário católico, escarmentaria e corrigiria, reconduzindo-os aos desígnios contratualmente estabelecidos pelo programa. Só que, no confessionário *reality* essa função, que já foi do confessor, é compartilhada pela produção do programa e pelo psicólogo que os aconselham.

A produção onipotente do programa joga com as imagens editadas dos participantes, conferindo onisciência ao público, que conhece não apenas a máscara que

¹² Não estamos aqui negando a vigência da espontaneidade como atributo importante, como valor. A vencedora da quarta edição do *BBB* deixou bastante evidente sua efetividade. O que estamos a dizer é que, aos olhos do público, o soberbo deve aparentar humildade, o introspectivo deve ser expansivo, o egoísta, solidário... Modifica-se, com vistas ao um fim bastante cobiçado e específico, a condução dos atos do participante, pois “a conduta é o espelho em que todos exibem a sua imagem” (Goethe apud Sodré, 2002:21).

cada jogador usa diante dos outros, mas também a que usa para a produção do programa, sendo que a do confessionário, até por ser o confessionário e ter assim sua própria mística, seria a verdadeira. É óbvio que essa enunciação mereceria per se uma minuciosa análise.

Não esqueçamos, porém, também, que o confessionário do aconselhamento é bastidor do espetáculo que é enunciado como *reality*. Haveria, portanto, nos mundos televisivos, um lócus de seu engendramento, que não teria a mesma natureza desses mundos, mas que poderia adquirir sua natureza: um contra-campo que se dá a ver no campo visual dos panoramas, por exemplo; ou as salas de redação que são cenário de telejornais, ao fundo das bancadas ocupadas pelos âncoras; ou a parte dos estúdios em geral escondida por cortinas nos programas de auditório e que por vezes uma câmera torna visível ao espectador; etc.¹³

Consideração final

No conjunto das situações em que o confessionário *reality* é inscrito em *BBB*, com tão díspares funções, às vezes, percebemos uma fantástica sobreposição de molduras ou quadros de experiência e significação. Joga-se com muitos sentidos, relativiza-se o valor das coisas ditas de valor, transgride-se as regras do próprio jogo, movimenta-se ao sabor do íbope.

Há principalmente dois conjuntos de enunciações que interessa aqui recuperar. Enuncia-se a existência de duas esferas de ação, compostas de imagens que advêm de diferentes espaços sociais e que têm diferentes naturezas, quando de fato têm diferenças apenas de grau. Uma, é contratada entre a emissora e o espectador como sendo a esfera do programa (ou da programação em fluxo, de maneira mais geral), constituída de imagens audiovisuais do *reality show* (ou de certos gêneros de programa), que poderia ser pensada como a rua ou o espaço público dos mundos televisivos, que, no caso de *BBB*, é o espaço da casa. A outra, é contratada como sendo a de certos momentos e usos do confessionário, que pode ser pensada como os bastidores, a casa ou o espaço privado dos mundos

¹³ Talvez o melhor aproveitamento que a televisão faz de seus bastidores seja a criação de novos produtos ou programas, do tipo *making of*. Neles, a TV recicla seu próprio lixo, os restos culturais de programas editados e veiculados anteriormente. A Rede Globo é quem mais os produz, e faz parte de uma estratégia econômica e de uma lógica replicante relacionada ao hábito da especiação e à memória televisiva. Tratamos disso em *Acontecimento, Memória e Televisão* (2004).

televisivos. Essa se relaciona a sua vez com “o outro mundo”, a esfera do sagrado, e à TV cabe a mediação entre os mundos.

Enuncia-se, também, que a qualquer momento o espaço privado pode tornar-se público, e cabe exclusivamente à emissora decidir a respeito. Afinal, como mediadora entre os mundos, é plenamente aceitável tal ingerência.

Resulta, porém, na sobreposição das molduras, que público e privado, ficção e realidade, transparência e vigilância, nos mundos televisivos, são ênfases enunciativas, apenas, para fins dos contratos de leitura. As imagens que vemos na edição final, ainda que na origem tivessem certo sentido, não se subordinam mais à lógica de uma ou outra perspectiva, mas seguem a ética daqueles mundos.

No confessionário de *BBB*, a TV vê o que deseja ver e mostra o que deseja que seja visto, não apenas dos personagens e das relações que estabelecem: ela vê o que deseja ver e mostra o que deseja que seja visto dos mundos televisivos. É por isso que o confessionário *reality* é o mais perfeito lócus de um discreto, mas ainda assim revelador *mea culpa* amoral da TV em relação a todos os voyeurismos que pratica.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes. TRACY, Kátia. *Noites Nômades*. Espaço de subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma Antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 2003.

CALABRESE, Omar. *A idade neobarroca*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

KILPP, Suzana. *Ethicidades televisivas*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

ROUILLARD, Philippe. *História da Penitência: das origens aos nossos dias*. São Paulo: Paulus, 1999.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho*. Petrópolis: Vozes, 2002.